

**Na corda bamba da paráfrase: o diálogo com a voz do outro nas dissertações de mestrado do ProfLetras**

***On the tightrope of the paraphrase: the dialogue with the voice of the other in ProfLetras master's dissertations***

Melina Nascimento Gomes<sup>1</sup>  
Sulemi Fabiano-Campos<sup>2</sup>

**RESUMO:**

Quando se trata de processo parafrástico, o pesquisador frequentemente se encontra numa corda-bamba, tentando se equilibrar entre a mera reprodução do conteúdo já construído – podendo envolver plágio ou deturpações semânticas de maior ou menor grau – e o anseio de elaborar novas considerações para o campo científico a partir do que já foi dito por outrem. Considerando o diálogo com a palavra do outro como um aspecto de grande relevância para a escrita acadêmica e um frequente desafio para os estudantes, este trabalho tem por objetivo analisar a maneira como ocorre o processo de parafrase em dissertações de mestrado. O *corpus*, então, é constituído por produções provenientes do Programa de Mestrado Profissional de Letras (ProfLetras). Com base nesse apanhado, foi feita uma análise de citações indiretas, relacionando as paráfrases e seus respectivos textos-base, buscando observar como o sujeito autor reformula o discurso alheio; de qual modo articula sinonimicamente; se deturpa, mantém ou comete deslizos em relação ao sentido original e à ideia referenciada. A análise, que confirma as hipóteses mencionadas, pautou-se nas proposições de Fuchs (1985) sobre o conceito de paráfrase e nas contribuições de Possenti (2002), Grigoletto (2011) e Fabiano-Campos (2014) no tocante às reflexões não só acerca da articulação entre discursos, mas também questões mais amplas de escrita, como a concepção de autoria.

**Palavras-chave:** Paráfrase. Escrita acadêmica. ProfLetras.

**ABSTRACT:**

When it comes to the paraphrastic process, the researcher often finds himself on a tightrope, trying to balance himself between a reproduction of the content already built - which may involve plagiarism or semantic misrepresentations of a greater or lesser degree - and the desire to elaborate new considerations for the field. scientific based on what has already been said by others. Considering the dialogue with the word of the other as an aspect of great relevance for academic writing and a frequent challenge for students, this work aims to analyze the way in which the paraphrasing process occurs in master's dissertations. The corpus, then, consists of productions from the Professional Master's Program of Letters (ProfLetras). Based on this, an analysis of indirect citations was made, relating the paraphrases and their respective base texts, seeking to observe how the author subject reformulates the discourse of others; how it articulates synonymously; misrepresents, maintains or makes mistakes in relation to the original sense and referenced idea. The analysis, which confirms the hypotheses mentioned, was based on the propositions of Fuchs (1985) on the concept of paraphrase and on the contributions of Possenti (2002), Grigoletto (2011) and Fabiano-Campos (2014), which they concern not only the articulation between discourses, but also broader questions of writing, such as the concept of authorship.

**Keywords:** Paraphrase. Academic writing. ProfLetras.

ISSN: 2359-1064

<sup>1</sup> Graduanda de Letras – Língua Portuguesa (UFRN), Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFRN) e Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED (UFRN). E-mail: [melina.gomes.701@ufm.edu.br](mailto:melina.gomes.701@ufm.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5679-6659>

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPgEL) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), unidade de Natal-RN. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso – GETED (UFRN). E-mail: [sulemifabiano@yahoo.com.br](mailto:sulemifabiano@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7212-0621>

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

## O processo parafrástico e a busca por equilíbrio: introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a utilização da paráfrase na escrita de professores da Educação Básica egressos do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), programa instituído em 2013, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a coordenação pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O ambiente acadêmico é – ou deve ser – terreno propício para a constituição da subjetividade do aluno enquanto pesquisador, o que consiste em torná-lo capaz de enunciar para além daquilo que os outros dizem; ou seja, tomar o discurso para si, construindo reflexões, as quais não são meras repetições dos conteúdos já cristalizados no âmbito científico. Essa questão torna-se uma problemática, haja vista as relações de poder entre os envolvidos: de um lado, tem-se o indivíduo tentando se firmar em determinado campo de estudo, descobrindo seu caminho na pesquisa; e, paralelamente, estão as grandes teorias, seus representantes e seguidores qualificados, tais como professores, orientadores etc.

O sujeito autor se vê, então, diante de um grande desafio: impor seu discurso, carregando traços de autenticidade, mas respeitando o saber solidificado que foi construído anteriormente. Essa trajetória é carregada de receios e inseguranças e um dos motivos para isso está no fato de não perceber originalidade nas suas palavras, como se todo o conhecimento já tivesse sido produzido (e produzido de forma melhor, por figuras renomadas). Há alguma legitimidade nesse pensamento, contudo, a inovação pode habitar não exatamente no conteúdo, mas na maneira de dizê-lo. Em todo caso, os estudos cristalizados não podem servir de razão para estagnação ou imitação.

Ao contrário, todas as informações validadas à disposição devem servir de ponte para novas produções. É imprescindível a conciliação com outros pontos de vista, sejam eles a favor ou contra seu posicionamento. Quando bem feita, essa articulação pode fornecer uma base firme para o trabalho; quando não, o sujeito compromete a qualidade de seu texto e arrisca sua reputação. Por isso, esse processo de diálogo, ou processo de parafraseamento, exige demasiada cautela e responsabilidade.

É nesse sentido que o processo parafrástico projeta, metaforicamente, o pesquisador em uma corda bamba, na busca pelo equilíbrio entre “a reprodução pura e

**GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.**

simples do conteúdo e a sua deformação.” (FUCHS, 1985, p. 134). Devido a essa complexidade, a construção das paráfrases pode se dar de forma deturpada em relação aos textos-base. Ao utilizar estratégias como a inversão sintática, por exemplo, o autor não percebe que trai o sentido original do conteúdo fonte. De mesmo modo ocorre com a utilização irrefletida de sinônimos ou dos verbos do dizer, bem nos casos nos quais a reescrita se faz de maneira a “enxugar” informações centrais, afetando as ideias referenciadas.

Com isso em vista, o presente trabalho busca investigar como ocorrem as paráfrases nas dissertações do ProfLetras em relação aos seus respectivos textos-fonte, analisando a presença de traços de singularidade, repetições, substituições indevidas ou, em última instância, evidências de plágio. Para tanto, pensando nos estudiosos dessa temática, utilizou-se primordialmente as proposições de Fuchs (1985) – no que concerne ao conceito de paráfrase – e no tocante às reflexões acerca da escrita acadêmica, autoria etc., fez-se uso das contribuições de Possenti (2002), Grigoletto (2011), e Fabiano-Campos (2014).

### **Construindo pontes e ancorando discussões: aporte teórico**

Reconhecer o valor do conhecimento já existente e respaldado pela comunidade acadêmica é também admitir a necessidade de construir pontes, ancorando as discussões desenvolvidas com o objetivo de fomentar os diálogos. As pontes, em oposição à corda bamba, podem representar estabilidade, mas também o ensejo pelo avanço, aspectos importantes para o pesquisador na construção de seu discurso.

Nesse sentido, esse tópico objetiva apresentar uma sucinta definição sobre o conceito mobilizado: a paráfrase. Para tanto, ampara-se no artigo *A paráfrase linguística*, da francesa Catherine Fuchs, com tradução de João Wanderley Geraldi, o qual apresenta o tema em análise de maneira bastante concisa, partindo de três noções fundamentais construídas historicamente: equivalência, sinonímia e reformulação. Devido à dificuldade de conceituar, a paráfrase pode ser compreendida, segundo a autora, como “objeto de uma série de caracterizações opostas” (FUCHS, 1985, p. 129), o que a faz suscitar alguns questionamentos ao decorrer do texto.

**GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.**

O conceito de equivalência está estritamente atrelado à ideia de “valor verdade”, observado numa perspectiva lógica. Tal valor pode ser concebido como uma espécie de sentido mais geral, de modo que “duas paráfrases são formalmente equivalentes na medida em que elas compartilham uma propriedade comum.” (FUCHS, 1985, p. 130). Assim, pode-se notar a equivalência quando há troca de voz passiva para ativa, ou vice-versa, entre frases. Contudo, essa abordagem pode ser problematizada levando em conta a não especificidade dos sentidos; como é o caso das interpretações distintas, as quais podem surgir a depender das circunstâncias ou leituras de mundo dos sujeitos.

Já a sinonímia trata da paráfrase sob o viés gramatical, abrangendo o uso de sinônimos no discurso entre vozes. Essa noção coloca em xeque duas concepções históricas: a quantitativa, segundo a qual “são abundantes as palavras que têm o mesmo sentido” (FUCHS, 1985, p. 131); e a qualitativa, a qual pondera a respeito das “sutis diferenças semânticas entre as chamadas sinonímias, que se traduzem em diferenças de emprego” (ibidem). A segunda concepção coaduna melhor com as reflexões da autora, conforme o trecho evidencia:

Se as diversas paráfrases possíveis entre as quais o enunciador opta para representar um certo acontecimento constituem soluções equivalentes do ponto de vista da referência e da significação denotativa, não resta dúvida de que sua escolha é pertinente; [...]. Nesse sentido, cada enunciado pertencente a uma família parafrástica é sempre um entre outros; é único. (FUCHS, 1985, p. 132).

Desse modo, é possível concluir que os sinônimos não são capazes de restaurar completamente o sentido referenciado, assim, sua escolha não pode ser feita de maneira voluntária e impensada, mas visando a melhor aproximação da informação a ser transmitida.

Por último, está a reformulação, compreendida pelo prisma da retórica, podendo se conectar ao processo de tradução, se for considerado o comprometimento com a compreensão por parte do interlocutor no que tange à restauração do sentido do texto parafraseado. A autora diz que:

A tradição retórica e literária tem, desde sempre, abordado a paráfrase no plano do discurso, como uma atividade efetiva de reformulação pela qual locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não)

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-secundo. (FUCHS, 1985, p. 133).

Em comparação com as duas tipologias comentadas, a reformulação parece ser a opção mais acertada ao se produzir uma paráfrase, pois, como a autora pondera, a simples manutenção do valor-verdade ou a troca sinonímica inconsiderada não garantem uma reprodução confiável da palavra do outro.

Conforme discutido anteriormente, o processo parafrástico frequentemente põe o pesquisador em uma espécie de cena malabarística, na qual esse deve articular com destreza diferentes vozes. Ao utilizar a paráfrase como fio condutor para uma averiguação acerca da escrita acadêmica, é possível observar algumas problematizações, como é o caso em que a utilização do discurso alheio serve apenas de “validação” ou “decoreção”, sem construir relações com os dizeres de quem parafraseia. Como apresenta Fabiano-Campos (2014) no artigo *A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica*:

Esse procedimento de parafrasagem é bastante presente na escrita acadêmica. Trata-se de um tipo de incorporação das referências das leituras feitas para embasamento teórico dos trabalhos acadêmicos. Entretanto, a prática da paráfrase, presente na construção do texto dos alunos, limita-se apenas à mobilização de palavras de autores estudados para dar sustentação à elaboração do seu texto. (FABIANO-CAMPOS, 2014, p. 153).

A produção de conhecimento no universo acadêmico exige que a escrita esteja além da paráfrase, mesmo quando ela possa ser considerada bem elaborada, pois “dizer diferente” não significa necessariamente inovar ou agregar. É necessário, então, que a escrita acadêmica manifeste “características explícitas de apropriação do conhecimento” (FABIANO-CAMPOS, 2014, p. 163), contribuindo, assim, para o saber científico.

Ampliando a discussão, destaca-se o conceito de autoria, pois para assumir esse papel, quem produz reformulações deve ponderar duas atitudes, consoante Possenti (2002): conceder voz aos outros e manter distância com relação às suas próprias palavras. Por isso a ação de parafrasear exige equilíbrio; é importante contrabalancear os discursos, mas sem estagnar no texto alheio. Ainda nesse tema, o autor lança luz sobre a escolha dos verbos *dicendi*:

Em princípio, como regra, pode-se sugerir “nada de mesmice”, nada de empregar apenas o verbo “colocar” ou o menos marcado “dizer”. A variação é de bom tom. Mas, de novo, não se trata de variar por variar, de

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

organizar uma lista de verbos *dicendi* e prometer não empregar o mesmo verbo mais de uma vez em cada texto. A variação só é interessante quando obedece a tomadas de posição ou se faz sentido de outra forma. (POSSENTI, 2002, p. 117, grifo do autor).

Sobre essa consciência também nos diz Grigoletto (2011), em plano mais geral, através da dicotomia entre escrita burocrática e escrita mobilizadora: aquela trata da prática de seguir modelos sem reflexão, considerando o que dizem os orientadores e as instituições; enquanto esta se baseia pela “implicação com o saber”, reconhecendo suas faltas, mas indo além da pura reprodução. É essa prática de mobilização na qual o pesquisador deve se empenhar para seguir na construção de seu dizer e na produção de conhecimentos frente ao cenário científico.

### Os malabarismos do processo parafrástico: análise

Os textos que servirão de *corpus* para esta análise tratam-se de três dissertações de mestrado, cujos autores tiveram suas identidades preservadas. Para fins metodológicos, cabe esclarecer que as produções foram nomeadas de DM1, DM2 e DM3, conforme a ordem de aparecimento. Os enunciados foram transcritos exatamente como constam nos trabalhos, sem qualquer correção. A estratégia analítica baseou-se na observação comparativa entre os excertos parafraseados (texto-fonte) e suas respectivas paráfrases (texto paráfrase). Os excertos analisados fazem referência aos seguintes textos-fonte: Geraldi (1991) e Antunes (2003, 2006). Buscou-se combinar os paralelos na busca por deturpações de sentido; utilização devida ou indevida dos verbos de dizer; investigação de ideias contidas ou não na versão original etc. Para tanto, desenvolveu-se comentários e partes específicas foram sublinhadas para melhor observação do leitor.

Com base nos postulados teóricos mencionados anteriormente, é analisada, nesta seção, a forma como os sujeitos autores das dissertações do ProfLetras produzem paráfrases. Essa observação se dá a partir de excertos selecionados nas produções em questão, mediante os seus respectivos textos-base. Buscou-se observar pontos como as nuances de sentido mobilizadas pela utilização de sinônimos, a deturpação ou conservação das ideias parafraseadas, bem como os demais aspectos que podem proporcionar uma reformulação mais ou menos segura da palavra de outrem.

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

O primeiro exemplo analisado, o qual referencia a obra *Portos de Passagem*, de João Wanderley Geraldi, foi retirado da DM1, intitulada *Oralidade e escrita na produção de textos narrativos de alunos do ensino fundamental*.

#### Quadro 1 – Primeira análise parafrástica da DM1

Texto-fonte	Texto paráfrase
“O ensino da língua <u>deixaria de ser</u> de reconhecimento e reprodução <u>passando</u> a um ensino de conhecimento e produção, em que o exercício sistemático só lhe conferiria maiores condições de formar sua identidade, cambiante que fosse.” (GERALDI, 1991).	“Segundo Geraldi (2013, p.122), o ensino da língua <u>sairia</u> do reconhecimento e reprodução <u>para</u> o ensino do conhecimento das diferentes situações de usos dos recursos linguísticos e da produção textual.”

Fonte: Autoria própria (2021)

A primeira alteração de sentido ocorrida nesse caso pode ser observada através do sublinhado. O pensamento colocado pelo autor a partir da construção sintática “deixaria de ser x passando a y” sofre uma nuance quando parafraseado: “sairia de x para y”. Apesar de superficial, essa modificação desrespeita a ideia de processo carregada no trecho de Geraldi (1991) – a qual é evidenciada pelo gerúndio –, conforme apresenta uma mudança de estado que se dá de maneira mais abrupta. Assim, é possível notar uma deturpação no eixo da equivalência, de acordo com as proposições de Fuchs (1985).

Adiante, nota-se uma adição de informações (“das diferentes situações de usos dos recursos linguísticos”), as quais não constam explicitamente no excerto parafraseado, o que provavelmente significa uma reformulação com base em um panorama mais amplo do livro de Geraldi (1991) atrelada à interpretação do autor da DM1. Outrossim, a palavra “identidade” pode ter estimulado uma relação com a diversidade linguística mencionada originalmente, ao passo que “produção” conduziria à noção de “produção textual”, dado o contexto semântico. No geral, destaca-se a quantidade de partes mantidas na paráfrase, demonstrando exemplos de como nem sempre a substituição é necessária ou benéfica. Repetir termos ou informações do texto original pode revelar responsabilidade na escrita em diálogo com outro, mas isso deve acontecer de forma consciente, nas situações devidas, conforme o exemplo.

Ainda na DM1 está a segunda paráfrase analisada, a qual também cita o livro *Portos de Passagem* – embora a citação apresente equívoco em relação ao ano informado nas referências do trabalho (2013) – como mostrado abaixo:

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

### Quadro 2 – Segunda análise parafrástica da DM1

Texto-fonte	Texto paráfrase
<p>“Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:</p> <p>(a) se tenha o que dizer;</p> <p>(b) <u>se tenha uma razão</u> para dizer o que se tem a dizer;</p> <p>(c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;</p> <p>(d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);</p> <p>(e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).” (GERALDI, 1991).</p>	<p>“Geraldi (2010, p. 137) evidenciou também que, para produzir um texto, o aluno precisa ter o que dizer, <u>estar motivado</u> e necessita constituir-se como locutor, tornar-se o sujeito do que diz, tendo sempre em sua perspectiva o outro.”</p>

Fonte: Autoria própria (2021)

O primeiro ponto a mencionar nesse exemplo é a utilização adequada do verbo “evidenciar”, cujo significado remete, entre outras coisas, ideia de “deixar claro”. A escolha dos verbos tem grande importância, como já destacado por Possenti (2002), por isso não se pode fazer de maneira aleatória, mas levando em conta a intencionalidade do autor referenciado ao enunciar seu texto.

Nesse excerto, novamente, notam-se partes mantidas total ou parcialmente em relação à referência. Nesse episódio, observa-se o interesse do autor da DM1 em sumarizar os tópicos destacados por Geraldi (1991), podendo provocar certa ambiguidade no caso da informação sublinhada. É possível que ao ler “estar motivado”, o leitor não assimile imediatamente a noção de ter motivo ou causa, mas sim de determinação e impulso. Assim, a substituição sinonímica feita aqui não parece ser a mais conveniente. Ao sintetizar, o sujeito também opta pelo apagamento do ponto (e) - elemento conclusivo da sequência -, de modo a desconsiderar sua relevância para o enunciado.

Aqui também existem dados não explícitos no texto original, aparentemente conduzidos pela interpretação atrelada à situacionalidade. Em *Portos de passagem*, o autor faz uso do sujeito oculto, enquanto na paráfrase ocorre a adição do sujeito “aluno”. Essa modificação, não expressa por Geraldi (1991), sugere uma espécie de aplicação do conteúdo ao contexto em que se insere a paráfrase, haja vista o próprio título da dissertação.



GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

Paralelamente, a frase “tendo sempre em sua perspectiva o outro” sugere, conforme a observação, uma ligação com o ponto (c), porém, desrespeita o fluxo de pensamento construído originalmente, se dando não como um elemento essencial, mas como um adendo, cujo valor é intensificado pelo advérbio “sempre”.

A próxima paráfrase advém do trabalho *Memória literária e Análise Linguística: uma intervenção na escrita de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental*, cuja citação aponta para o texto *Avaliação da produção textual no ensino médio*, de Irandé Antunes.

### Quadro 3 – Análise parafrástica da DM2

Texto-fonte	Texto paráfrase
<p>“4. As repercussões desses <u>parâmetros de avaliação</u></p> <p>4.1 Para o professor, essas repercussões poderiam ser:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• uma avaliação da totalidade — dos acertos e das <u>tentativas malsucedidas</u> —, sabendo-se que toda aprendizagem supõe persistência e prática continuada e que os erros devem funcionar como indicativos do que ainda nos falta estudar e explorar em sala de aula;</li><li>• uma avaliação equilibrada — sem o ranço de quem vê apenas o que corrigir; portanto, só vê os erros, mas também sem a complacência enganosa de quem supõe ser muito limitada a capacidade de expressão dos alunos (cf. Antunes, 2003, cap. IV);</li><li>• uma avaliação consistente, sem a visão distorcida e demagógica que se manifesta numa “retórica complacente e populista” de aceitar qualquer coisa que o aluno escreve, o que é problemático, pois contraria o modo como nossas atuações verbais são avaliadas fora da escola; [...]</li><li>• uma avaliação responsável, pela qual o professor não foge à sua função de ensinar, mas assume o seu papel de mediador, a sua disposição de, cooperativamente, intervir junto a alguém que empreende seu percurso na conquista do poder expressar-se por escrito; [...]</li><li>• uma avaliação significativa, cujos resultados retornam à sala de aula, para guiar, orientar o professor na continuidade de seu trabalho, em função das necessidades evidenciadas; o significado maior da avaliação é permitir a professores e alunos visualizarem as</li></ul>	<p>“Antunes (2006, p.175-177) aponta que a <u>avaliação</u> apresenta repercussões tanto para professor quanto para o aluno. Para o professor, essa avaliação daria uma visão da totalidade dos acertos e das <u>tentativas</u>; apontaria para o equilíbrio entre o só apontar os erros ou o aceitar tudo; conferiria mais responsabilidade à sua função de ensinar, de mediar, cooperar, intervir na aprendizagem; além de apresentar-se como uma avaliação significativa, pois traria o retorno do que ainda precisa ser aprendido, revisto o diagnóstico.”</p>

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

condições da aprendizagem em curso para tomarem futuras decisões; [...]” (ANTUNES, 2006).	
---	--

Fonte: A autoria própria (2021)

Assim como na paráfrase anterior, percebe-se aqui o interesse pelo resumo, através da reunião de informações principais, articulando equivalência e sinonímia. Isso se torna evidente ao comparar a quantidade de texto entre os trechos.

No início da paráfrase já se verifica a primeira mudança entre os enunciados: enquanto Antunes (2006) explana acerca das “repercussões desses parâmetros de avaliação”, especificando seu objeto de discussão, o autor da DM2 trata puramente da avaliação. O que poderia ser uma estratégia de reformular metonimicamente acaba por ser um deslize, pois generaliza o tópico em questão.

Isso também acontece com as outras palavras destacadas: aparentemente, o movimento de parafraseamento ocorrido aqui é de compreender qualquer tentativa como não sucedida, por isso não seria necessário manter o adjetivo usado na versão original (“malsucedidas”). Dessa forma, o objetivo nesse caso parece ser de manutenção de uma ideia mais ampla, sob a perspectiva da equivalência.

Como se vê, a maior parte das informações da DM2 corresponde aos dizeres de Antunes (2006). Entretanto, a necessidade de redução do texto se realiza através da aglutinação de tópicos, o que compromete a sistematização feita originalmente pelo autor. Ao mencionar “o aceitar tudo” na avaliação equilibrada, o sujeito incorpora o que pertenceria à avaliação consistente (“aceitar qualquer coisa que o aluno escreve”), a qual não é nomeada explicitamente.

Esse poderia ser um exemplar do que Fuchs (1985, p. 133) considera como reformulação, porque o autor da DM2 restaura, até certo ponto, o conteúdo presente na obra original, produzindo uma espécie de “texto-secundo”.

Por derradeiro está a próxima paráfrase, proveniente da DM3 Textos de alunos do Ensino Fundamental: realidade, desafios e alternativas na constituição da autoria. Aqui também há referência a um livro de Antunes (2003), mas agora trata-se do título Aula de Português.

#### Quadro 4 – Análise parafrástica da DM3

Texto-fonte	Texto paráfrase
“No que se refere às atividades em torno da escrita, ainda se pode constatar:	“Antunes (2003, p. 25-27) aponta que <u>os processos</u> de aquisição da escrita têm, em sua

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

<ul style="list-style-type: none"><li>• <u>um processo</u> de aquisição da escrita que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz, na construção e na testagem de suas hipóteses de representação gráfica da língua;</li><li>• a prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia;</li><li>• a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em "exercícios" de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. [...]</li><li>• a prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para "exercitar"), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto; [...]</li><li>• a prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa "o que se diga" e o "como se faz". (É a "língua da escola", como observou um menino sabido!)." (ANTUNES, 2003).</li></ul>	<p>maioria, ignorado a interferência dos aprendizes na construção de suas hipóteses. <u>Isso torna</u> a escrita mecânica, periférica, artificial, sem função e sem planejamento."</p>
--	--

Fonte: Autoria própria (2021)

O caso em análise segue a tendência da sumarização, mas também comete alguns deslizes durante o processo. O primeiro deles é o plural colocado em "processos de aquisição da escrita", em divergência com o que diz o autor referenciado, pois esse se preocupa em especificar: "um processo de aquisição da escrita". Mesmo retomando a maioria dos itens elencados por Antunes (2003), o autor da DM3 peca ao atribuir o sentido de causalidade entre uma informação e outra ("isso torna"). Não é possível concluir, com base no texto-base, que a causa de a escrita se tornar algo mecânico etc. é o fato de o processo em questão ignorar a interferência dos alunos. Ao contrário, são duas constatações, as quais podem até estar relacionadas, mas a citação não permite depreender nenhuma ligação de causa e consequência.

Em conclusão, nos casos analisados aqui, foi possível observar indícios os quais demonstraram a utilização de reformulações considerando a situação, isto é, o trabalho

**GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.**

desenvolvido pelo sujeito parafraseador. Entretanto, de maneira geral, é possível notar que não há dissociação clara entre equivalência, sinonímia e reformulação, conforme a denominação de Fuchs (1985). O que há, na verdade, é articulação dessas três tipologias na tentativa de dialogar com as vozes alheias. Frequentemente, essas tentativas acabam por gerar deturpações de sentido, ambiguidades ou deslizes de maior ou menor grau, denotando certa dificuldade dos sujeitos em desenvolver as paráfrases.

Alguns exemplos mostraram que os objetivos e características do respectivo trabalho são levados em consideração ao decidir quais informações manter no caso da citação de trechos maiores. Entretanto, é custoso afirmar até que ponto isso representaria construção de conhecimento - conforme considerações de Fabiano-Campos (2014) - ou indícios de autoria e de escrita mobilizadora, de acordo com Possenti (2002) e Grigoletto (2011). Todavia, cabe salientar que a aplicação adequada da paráfrase é de grande relevância; a ela não compete a função de decorar o texto ou apenas validar um discurso, mas de fomentar uma ligação entre o conhecimento construído e aquele em construção.

### **Equilíbrio para ir além: considerações finais**

O indivíduo está sempre em interação com vários discursos, mesmo que não faça referências diretamente. Pensar na palavra alheia é sempre desafiador, mas fazê-lo analisando como o outro realiza seus diálogos é ainda mais. Some isso ao fato de que para analisar, faz-se necessário também articular com outros mais. Esse trabalho representa um emaranhado de paráfrases, ou, conforme diz Barzotto (2013) em *Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor*, é uma imersão a um “manancial de textos”.

Nesse sentido, desempenhar aqui o papel de pesquisadora e de aluna que compreende os desafios do âmbito acadêmico, significa acessar as boias aludidas pelo autor mencionado. Abraçar essa oportunidade é alçar degraus na conquista da escrita, pois essa posição propicia um olhar duplo; interno e externo. Conseguir enxergar de “fora” esse processo de produção é enriquecedor, pois atenta para os cuidados na hora de vincular as palavras próprias às palavras alheias. A análise de exemplos reais evidenciou que a todo momento o pesquisador está sujeito ao erro; um mero deslize pode provocar mudanças na ideia referenciada, tal qual foi pensada pelo autor originalmente.

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.

É impossível ser fiel ao discurso de outrem, mas é dever do aluno, especialmente na posição de pesquisador, construir citações visando o mínimo de danos no tocante ao sentido, reparando nas escolhas sinonímicas e suas sutilezas, bem como nos verbos do dizer. Não basta notar as partes do texto, mas a maneira como se organizam entre si e o conjunto significativo construído pelo texto-base. Para isso, cabe uma leitura detalhada antes de produzir as paráfrases, pois só é possível reproduzir algo, quando de antemão se compreende.

Cabe ao pesquisador, especialmente se tratando de mestrandos, essa responsabilidade: a implicação não apenas com o conhecimento com o qual dialoga, mas sobretudo com aquele que desenvolve. Tomar tal atitude não é uma decisão fácil nem repentina; leva tempo. Na busca pela construção do discurso em diálogo com as vozes alheias a corda bamba é uma constante, fazendo-se necessário, então, que o pesquisador aprenda a se manter de pé, determinado a ir além.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Marcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. cap. 9, p. 163-180.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. Parábola Ed., 2003.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Todo menino que nascer, atirá-lo-eis ao Nilo – ou num manancial de textos. In: BARBOSA, Juliana B; BARBOSA, Marinalva Vieira (Org.). **Leitura e mediação**: reflexões sobre a formação do professor. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 157-172.

FABIANO-CAMPOS, Sulemi. A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica. **Revista do GELNE**, v. 16, n. 1/2, p. 149-166, 2014.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 08, p. 129-134. São Paulo: Unicamp, 1985.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. Martins Fontes, 1991.

GRIGOLETTO, Marisa. Lições do Modelo: a escrita que engessa e a que mobiliza. In: RIOLFI, Claudia Rosa; BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. Cap. 6. p. 91-104.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. Florianópolis: **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 105-124, 2002.

**GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F.**

Como citar este artigo (ABNT)

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F. **Na corda bamba da paráfrase: o diálogo com a voz do outro nas dissertações de mestrado do ProLetras.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

GOMES, M. N.; CAMPOS, S. F. (2021). **Na corda bamba da paráfrase: o diálogo com a voz do outro nas dissertações de mestrado do ProLetras.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

**Recebido em:** 20/05/2021

**Aprovado em:** 20/06/2021

**Publicado em:** 01/07/2021

ISSN: 2359-1064

